

OFICINA DO BRINCAR: ESPAÇO CRIATIVO PARA CRIANÇAS COM TRISSOMIA DO CROMOSSOMO 21¹

Alessandra Leite Dionísio
Camila Freire de Souza Amaral

RESUMO

O presente artigo, que resulta de uma pesquisa de natureza qualitativa, teve como objetivo investigar o brincar, promovido por meio do projeto “Oficina do Brincar”, com um grupo de crianças, com Trissomia do Cromossomo 21, que frequentam a Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Síndrome de Down, na cidade de Vitória(ES). Para a coleta de dados, além de análise de documentos, foram utilizados questionários, com perguntas abertas, aplicados para familiares e profissionais que praticam a Associação. Além disso, a pesquisa contou com um momento de intervenção promovido pelas alunas-pesquisadoras junto ao grupo de crianças com T21. Do ponto de vista teórico, contribuições de Kishimoto (2011) e Vygotsky (1998), entre outros, sustentam o trabalho. O estudo conclui que o brincar potencializa o processo de aprendizagem e desenvolvimento de quaisquer crianças, inclusive de crianças com deficiência, e precisa, mais que nunca, de espaços garantidos, na escola e fora dela.

Palavras-chave: Brincar, Educação Infantil, Trissomia.

¹ O presente texto corresponde ao Trabalho de Conclusão de Curso produzido como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Prof^a Dr^a Lilian Pereira Menenguci em 2019/01.

² Aluna concludente do Curso de Pedagogia das Faculdades Doctum de Serra, 2019/1.

³ Aluna concludente do Curso de Pedagogia das Faculdades Doctum de Serra, 2019/1.

INTRODUÇÃO

Este trabalho, que tem o brincar como temática central, especialmente no processo de formação da criança pequena, com o objetivo de investigar o brincar, nasceu do interesse por compreender que as brincadeiras, ao longo da Educação Infantil, não se caracterizam, tão somente, como uma atividade recreativa. Muito além disso, elas têm contribuição efetiva no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil de qualquer criança, inclusive da criança com Trissomia do Cromossomo 21 (T21), conhecida como Síndrome de Down.

Nessa perspectiva, é fundamental que os profissionais da educação, seja ela formal, informal ou não formal, que atuam em espaços escolares ou não escolares, tanto quanto os familiares das crianças pequenas, compreendem que por meio das brincadeiras muitas habilidades – afetivas, cognitivas, linguísticas, motoras e sociais, entre outras – são desenvolvidas de maneira significativa e prazerosa. Logo, o brincar não pode, como não deveria, ser subestimado no processo de aprendizagem e desenvolvimento de quaisquer crianças.

Para compreender esse fenômeno como inerente ao processo de formação humana e cultural, este estudo propôs conhecer o *lugar* do brincar, a partir da participação de familiares e profissionais, no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança com T21 que frequenta a Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Síndrome de Down, conhecida como Vitória Down(VD), localizada na capital capixaba.

Nessa direção, o estudo investiu numa pesquisa qualitativa, com elementos de pesquisa intervenção, que permitiu, além da análise de documentos e aplicação de questionários, com perguntas abertas, respondidos por familiares e profissionais que atuam na VD, registros no diário de campo e uma intervenção, por parte das alunas-pesquisadoras, por meio de uma ação de Contação de Histórias com um grupo de crianças – acompanhadas de seus familiares, cuidadores e profissionais – que praticam a VD.

Assim, este texto se organiza em quatro seções que se complementam. Na

primeira seção, “*O Brincar, a brincadeira: o que dizem as pesquisas na e da área?*”, temos um espaço voltado para a revisão de literatura. Nela, o objetivo é

fazer um recorte, ainda que inicial, acerca do que se tem produzido na área e que vai ao encontro do nosso tema central.

A segunda seção do texto, “*O Brincar, a Brincadeira e a Criança com Trissomia do Cromossomo 21: entre conceitos e perspectivas*”, traz uma abordagem conceitual relacionada ao tema da própria seção tanto quanto as contribuições de estudiosos e pesquisadores a respeito do brincar e da brincadeira no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança.

A terceira seção do texto, “*Oficina do Brincar: Espaço Criativo para a Crianças com Trissomia do Cromossomo 21*”, explora o aspecto metodológico do texto, caracterizando o tipo de pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, o campo de investigação e os sujeitos participantes, ao mesmo tempo em que apresenta e analisa dos dados coletados ao longo do estudo.

Nas considerações finais, além de serem destacados os pontos relevantes que a análise dos dados revelou, são feitas algumas sugestões para as pesquisadoras e os pesquisadores que vierem depois. Tomara, consigamos contribuir tanto com as reflexões quanto com as práticas relacionadas ao território do brincar, lugar onde a infância de cada um(a) de nós, certamente, habita.

O BRINCAR E A BRINCADEIRA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS NA ÁREA?

Nesta seção do texto, destinada à revisão de literatura, apresentamos, inicialmente, três estudos, em nível de especialização e mestrado, que se relacionam com o tema central de nosso trabalho.

O primeiro deles, intitulado “*A Brincadeira e o Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil*” (2014), de autoria de Lilian Biazotto, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, traz como problema central a importância da brincadeira na Educação Infantil e a utilização da mesma no processo de alfabetização no ambiente escolar. O estudo de Biazotto é um estudo qualitativo que se sustentou nas contribuições de Vygotsky(1998), Oliveira(2000), Fernández(2001) e Piaget (1978). Conclui que o brincar é fundamental para o desenvolvimento integral do ser humano.

O segundo estudo, *“A importância do lúdico na Educação Infantil”* (2011), de autoria de Florência de Lima Leal, da Universidade Federal do Piauí, teve como objetivo analisar o uso de técnicas lúdicas no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil. O estudo de Leal, de caráter exploratório, contou com a contribuição de Vygotsky (1998), Piaget(1998), Bertoldo(2011) e Marcelino(1997). O estudo conclui que os jogos e as brincadeiras podem ser considerados como sendo atividades sociais privilegiadas de interação fundamental para a construção do conhecimento.

O terceiro estudo, sob o título *“A Brincadeira na Educação Infantil (3 a 5 anos): uma experiência de pesquisa intervenção”* (2012), de autoria de José Ricardo Silva, da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, tem como objetivo conhecer e intervir sobre a concepção e a prática de uma professora no uso da brincadeira em uma creche da cidade de Álvares Machado. O estudo de Silva é uma pesquisa-intervenção que se apoiou teoricamente em Vygotsky (2008), Mukhina (1996), Martin(2009) e Arce e Simão(2006). Concluiu que a brincadeira está presente no discurso e não na prática da docente.

Além desses estudos abordarem a brincadeira, outro elemento comum a elas é a presença de Lev Semyonovich Vygotsky, psicólogo proponente da Psicologia e da linha de pensamento conhecida como Histórico-Cultural, como autor de referência.

Lev Vygotsky (1896-1934), que morreu há 85 anos, cuja obra ainda está em pleno processo de descoberta e vive em vários pontos do mundo, incluindo o Brasil, tem uma contribuição fundamental para os processos de formação e de atuação de professoras e professores. A Cultura, na obra de Vygotsky, é um tema preponderante. Dela se origina o pensamento que, a partir dele, foi, e é, conhecido como sociointeracionismo.

O sócio interacionismo vygotskyano decorre da compreensão do homem como um ser que se forma em contato com a sociedade. Parafraseando o autor, é possível afirmar que “na ausência do outro, o homem não se constrói homem”. Vygotsky rejeitava as teorias inatistas, de acordo com as quais o ser humano já traz

consigo, desde o nascimento, as características que desenvolverá ao longo da vida, tanto quanto as teorias empiristas e comportamentais, que assumem o ser humano como resultado de estímulos externos.

Para Vygotsky, a formação humana se dá numa relação dialética, de troca, entre o sujeito e a sociedade ao seu redor. O homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. Assim, o que interessa para o pensamento vygotskyano é a interação que cada pessoa estabelece com o ambiente. Nesse caminho, a brincadeira, como fenômeno cultural, é importante porta de entrada para os processos de aprendizagem e desenvolvimento. Por essa razão, consideramos que as contribuições de Vygotsky, a partir de suas obras, "*Pensamento e Linguagem*" (1993) e "*A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos Psicológicos Superiores*" (1994), especialmente, são importantes para a pesquisa que realizamos. Sobretudo, em interface com os processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança pequena com T21.

Assim, movidas pela curiosidade acadêmica, buscamos conhecer os trabalhos publicados na 37ª reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), ano 2017, que é a edição mais recente do evento, realizada em São Luiz do Maranhão(MA). Para isso, elegemos dois Grupos de Trabalhos (GTs): o da Educação de Crianças de 0 a 6 anos (GT 07) e o da Educação Especial (GT 15), respectivamente.

No GT07, da Educação de Crianças de 0 a 6 anos, encontramos 17 trabalhos publicados. Desses, 3 interessaram-nos. O trabalho "*Subidas e Descidas: as culturas da infância nas ladeiras da Vila Rubim*", de Erika Milena de Souza e Vania Carvalho de Araújo, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que discute as Culturas Infantis. O estudo intitulado "*O Brincar e a Constituição Social das Crianças em um contexto de Educação Infantil*", de Andréa Simões Rivero, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e Eloísa Acires Candal Rocha, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que buscou analisar a constituição social das crianças em um contexto de educação infantil em sua relação com o contexto familiar, nos espaços-tempos do brincar. E, por fim, "*O Jogo Protagonizado Infantil como um ato artístico em sala de aula: uma*

abordagem Vigotskiana”, de Francine Costa de Bom, da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), que teve como objetivo refletir sobre o jogo protagonizado infantil como um ato artístico, a partir dos estudos de Vigotsky. No GT15, da Educação Especial, encontramos 16 trabalhos. Nenhum deles, contudo, apresentou interface com o nosso trabalho.

Constatamos, a partir disso, que o nosso estudo, que tem como objetivo investigar o brincar, promovido por meio do projeto “Oficina do Brincar”, com um grupo de crianças, com Trissomia do Cromossomo 21, contribui para diminuir a lacuna da área. Com isso, certamente, não estamos afirmando que os estudos não existam. Afirmamos, sim, a partir da mais recente edição da Anped(2017), que eles continuam sendo necessários.

O BRINCAR, A BRINCADEIRA E A CRIANÇA COM TRISSOMIA DO CROMOSSOMO 21(T21): ENTRE CONCEITOS E PERSPECTIVAS

Nesta seção do texto, trataremos uma abordagem conceitual relacionada ao título tanto quanto as contribuições de estudiosos e pesquisadores a respeito do brincar e da brincadeira no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança com Trissomia do Cromossomo 21.

O Direito de Brincar da Criança é defendido no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), regulamentado no Artigo nº 277 da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988; e na Lei nº. 8.069, de 13 de Julho de 1990, que diz que “a criança também é cidadã e deve ter seus direitos defendidos”. No Capítulo II – do Direito à liberdade, ao Respeito e a Dignidade – artigo 16, o direito à liberdade da criança envolve brincar, praticar esportes e divertir-se.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, a importância do brincar está assegurada no processo educativo. Na LDB, há uma preocupação em sensibilizar os educadores para a importância de inserir brincadeiras no processo de ensino.

Mas, o que é o brincar, a brincadeira? Para Kishimoto (2011, p.24) a brincadeira se relaciona diretamente com o lúdico. Ela, segundo a autora, é “a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica” Logo, brincadeira é o lúdico em ação.

As brincadeiras, como formas de expressão, são também oportunidades para a manifestação da individualidade de cada criança, de sua identidade, porque cada uma tem uma singularidade que deve ser respeitada. Portanto, merecendo uma exploração do seu significado.

Brinquedo é outro termo indispensável para compreender esse campo. Diferente do jogo, o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam a sua utilização. (KISHIMOTO. 2011, p.18).

O brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que, no futuro, tornar-se-ão seu nível básico de ação e moralidade. (VYGOSTY, 1994, p.114)

Assim, entende-se que o brinquedo possui funções associadas ao seu uso potencial e ao mesmo tempo, significação social produzida por sua imagem, que extrapola, por vezes, sua funcionalidade inicial. Kishimoto (2011) aponta duas funções para o brinquedo:

Função lúdica: quando propicia diversão, prazer e até desprazer, quando escolhido voluntariamente e; Função educativa: o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo.

A educação, formal ou não-formal, é um espaço diferenciado no qual o brincar deve ocupar um tempo significativo, é o que mostra o documentário “*Território do brincar: diálogo com as escolas*” (2015), de Renata Meirelles e David Reeks. A

obra foca na escola e no que ela pode oferecer à criança de diferentes realidades culturais, por meio do brincar. Como afirma Kishimoto:

Entre as coisas de que a criança gosta está o brincar, que é um dos seus direitos. O brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário. (KISHIMOTO, 2011, p.10).

A brincadeira, enquanto “Cultura da Infância⁴”, enquanto espaço-tempo do brincar, ficou ainda mais configurada com a iniciativa do projeto “*Território do Brincar*”. Ao longo do processo de orientação deste trabalho, com a mediação da professora orientadora, conhecemos o documentário que aborda o tema. A partir dele, começamos a pensar sobre de que modo as crianças com Trissomia do Cromossoma 21, que têm outra realidade cultural – nem melhor e nem pior do que aquelas que não têm T21 – vivem esse espaço-tempo? Para isso, inicialmente, buscamos conhecer o que é a Trissomia do Cromossoma 21 e como essa criança com T21 vive a cultura da infância em espaços não escolares.

De acordo com as “*As Diretrizes de Atenção à Pessoa com Síndrome de Down*” (2012), documento que orienta pais e profissionais sobre os principais cuidados de saúde relacionados às pessoas com T21,

[...] a Síndrome de Down (SD) ou Trissomia do 21, uma condição humana geneticamente determinada, é a alteração cromossômica (cromossomopatia) mais comum em humanos e a principal causa de deficiência intelectual na população. A SD é um modo de estar no mundo que demonstra a diversidade humana. A presença do cromossomo 21 extra na constituição genética determina características físicas específicas e atraso no desenvolvimento. Sabe-se que as pessoas com SD quando atendidas e estimuladas adequadamente, têm potencial para uma vida saudável e plena inclusão social. No Brasil nasce uma criança com SD a cada 600 e 800 nascimentos, independente de etnia, gênero ou classe social. (2012, p.9).

⁴ São produções que vêm contribuindo para a construção e a configuração da Sociologia da Infância. Compreender como vivem e pensam as crianças, entender suas culturas, seus modos de ver, de sentir e de agir, e escutar seus gostos ou preferências é uma das formas de poder compreendê-las como grupo humano.

O termo “*síndrome*” significa um conjunto de sinais e sintomas e “Down⁵” designa o sobrenome do médico e pesquisador que primeiro descreveu a associação dos sinais característicos da pessoa com SD.

As diferenças entre as pessoas com SD, tanto em relação ao aspecto físico quanto em relação às características do processo de desenvolvimento, decorrem de aspectos genéticos individuais, intercorrências clínicas, nutrição, estimulação, educação, contexto familiar, social e meio ambiente. Apesar dessas diferenças, há um consenso da comunidade científica de que não se atribuem graus à SD.

Geralmente as consequências orgânicas da translocação costumam ser similares às da trissomia simples e aparece a Síndrome de Down com todas as suas manifestações (a menos que o pedaço translocado seja muito pequeno e de uma região do cromossomo pouco rica em genes).

De acordo com o Movimento Down (MD), de 2013, às crianças, os jovens e os adultos com Síndrome de Down “[...] podem ter algumas características semelhantes e estar sujeitos a uma maior incidência de doenças, mas apresentam personalidades e características diferentes e únicas.”

Entre as características físicas associadas à T21 (Síndrome de Down) estão: olhos amendoados, maior propensão ao desenvolvimento de algumas doenças e hipotonia muscular. As crianças com SD, em geral, são menores em seu tamanho e seu desenvolvimento físico e intelectual pode ser mais “lento” do que o de outras crianças da sua idade. Além disso, comumente, estão mais vulneráveis a uma maior incidência de algumas doenças cardíacas e respiratórias. Entretanto, isso não impede que possam aprender e se desenvolver. Para isso, quanto mais precoces forem os processos de estimulação, quanto mais situações de ensino-aprendizagem forem promovidas e mediadas, mais potente será a aprendizagem e o desenvolvimento da pessoa com T21. Nisso, o brincar, a brincadeira tem papel fundamental.

⁵ A primeira descrição clínica da SD foi feita em 1866 pelo médico pediatra inglês John Langdon Down, que trabalhava no Hospital John Hopkins em Londres em uma enfermaria para pessoas com deficiência intelectual, e publicou um estudo descritivo e classificou esses pacientes de acordo com o fenótipo. Descreveu como “*idiotia mongólica*” aqueles com fissura palpebral oblíqua, nariz plano, baixa estatura e déficit intelectual.

OFICINA DO BRINCAR: ESPAÇO CRIATIVO PARA CRIANÇAS COM TRISSOMIA DO CROMOSSOMO 21

Neste momento do artigo, apresentaremos o aspecto metodológico do estudo, caracterizando o tipo de pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, o campo de investigação e os sujeitos participantes, ao mesmo tempo em que traremos os dados coletados ao longo da investigação e suas respectivas análises.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com elementos de intervenção, desenvolvida a partir da Oficina do Brincar, realizada na Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Síndrome de Down do Espírito Santo, conhecida como Vitória Down(VD), localizada em Vitória(ES).

De acordo com Minayo (1994, p. 21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Fávero (2011, p.49) postula que a “pesquisa-intervenção é tomada no sentido da pesquisa que gera transformação e ao mesmo tempo obtém dados do processo subjacente a ela”, isso, segundo ele, favorece mudança para os sujeitos que dela participam e traz informações pertinentes ao processo ocorrido.

Para a coleta de dados, realizada entre os meses de abril e junho do ano corrente, utilizamo-nos tanto da análise de documentos, onde tivemos oportunidade de ter acesso ao Plano de Trabalho da Instituição (2019), quando da aplicação de questionários, com perguntas abertas, respondidos por uma mãe de criança com T21 e por uma psicóloga, ambas da Vitória Down. Além disso, realizamos um momento de intervenção com as crianças, por meio da proposição de uma contação de histórias, atividade resultante do trabalho desenvolvido ao longo do semestre letivo na disciplina “Vivência Musical”, no oitavo período do

Curso de Pedagogia, e lançamos mãos dos registros em nossos diários de campo.⁶

A ASSOCIAÇÃO VITÓRIA DOWN

A Associação Vitória Down, que existe há 21 anos, de acordo com o seu Plano de Trabalho, “tem como missão “promover a inclusão social, por meio da melhoria na qualidade de vida e o desenvolvimento de habilidades e competências da pessoa com síndrome de Down” (2019, p.01).

A Vitória Down é uma instituição que não atua com foco nas deficiências, mas, sim, no desenvolvimento das possibilidades e potencialidades das pessoas com Síndrome de Down visando sua participação social. Nesse sentido, desenvolve projetos voltados ao fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.

Atualmente, a Associação funciona num espaço físico de 220 m². Conta com 06 salas. Atende 42 adolescentes e jovens e 255 famílias cadastradas em seus projetos. Além disso, oferece acolhimento e atendimento às famílias de pessoas com SD.

As atividades acontecem na sede da Vitoria Down, na Mata da Praia, em Vitória. Apenas a Oficina “Teatro Inclusivo”, que tem como objetivo promover espaços que fortaleçam a autonomia e inclusão social por meio do acesso ao saber e ao fazer teatral, é realizada no Centro de Vivências da Terceira Idade. Em 2019, 18 profissionais, entre técnicos administrativos, especialistas e educadores, compõem a equipe da Associação.

⁶ [...] um documento pessoal-profissional no qual o estudante [profissional] fundamenta o conhecimento teórico - prático, relacionado com a realidade vivenciada no cotidiano profissional, através do relato de suas experiências e sua participação na vida social (LEWGOY, SCAVONI. 2002.p.63).

O PROJETO A OFICINA DO BRINCAR E A INTERVENÇÃO DE ALUNAS-PESQUISADORAS COM O GRUPO DA VITÓRIA DOWN

Entre os projetos desenvolvidos pela VD, destacamos a “*Oficina do Brincar*”. Ela atende um grupo de 30 crianças, de 0 a 07 anos, e suas respectivas famílias, com a periodicidade de uma vez por semana, com duração de 02 (duas) horas cada encontro.

A ação, que é acompanhada pela coordenadora e pela psicóloga da VD, tem como foco o brincar em sua função pedagógica para o fortalecimento de vínculos entre as crianças, com seus pais e familiares, tal como o incentivo ao desenvolvimento motor, cognitivo, linguístico e social.

Esta oficina é um espaço disponibilizado pela Associação uma vez ao mês para que as crianças e seus familiares possam, juntos, colocar em prática o brincar livre, isento de comandos. A grande diferença desse modo de brincar é que a iniciativa e a brincadeira devem partir, excepcionalmente, do desejo e da escolha da criança. [L. Psicóloga que atua na Vitória Down].

A participação dos pais, familiares e/ou cuidadores da criança é obrigatória para garantir o entendimento da metodologia da “*Oficina do Brincar*” por parte dos familiares/cuidadores e a incorporação dessas estratégias no cotidiano da vida da criança com T21.

No dia 27 de abril (sábado), no turno vespertino, tivemos a oportunidade de integrar a programação da “*Oficina do Brincar*” da Vitória Down, a convite da psicóloga da Associação. O convite se deu em função da VD ter tido acesso ao site da Rede Doctum de Ensino, Unidade Serra, no qual foi divulgado o projeto de Contação de Histórias que desenvolvemos, sob orientação da Profª Drª Lilian Menenguci.

O projeto de Contação de Histórias, que nasceu dentro da disciplina de “*Vivência Musical*”, foi apresentado duas vezes nas Faculdades Doctum de Serra. A primeira, quando os Grupos de Trabalhos(GTs), organizados dentro da própria turma do oitavo período, escolheram e apresentaram suas histórias para seus colegas de classe. O segundo, quando a turma apresentou suas histórias para o

quinto período de Pedagogia, com direito à presença de algumas crianças (filhas e filhos das alunas das turmas) e da professora Ma. Sandi Mendes.

Entre a preparação da história a ser contada, pela primeira vez, até depois da contação dela na vida, muitas coisas aconteceram. Algumas dessas impressões foram registradas em nossos diários de campo. Deles, alguns fragmentos:

Durante a preparação para contar a história “O Gato Xadrez” curtimos muito, mas, também ficamos muito apreensivas. Na verdade, foi um misto de sentimentos uma vez que sabíamos que a apresentação seria para pessoas muito especiais. Mas, sem dúvida, o sentimento que predominou foi o de amor e ansiedade pelo momento que nos aguardava. O friozinho na barriga foi constante também, devo confessar, pois contar histórias não é algo fácil para mim. Por isso, tive que vencer, principalmente, a timidez que me atrapalha um pouco nesses momentos. Assim, foi necessário ensaiar por várias vezes contando a história para meus filhos. Por esse motivo, hoje, eles sabem a história de cor e salteado. [Diário de Campo, março de 2019 | AMARAL, aluna-pesquisadora].

Ao preparar a atividade, desde o primeiro momento que soube que precisaria contar a história, deu um frio enorme na barriga e um grande desespero. Confesso que achei que não conseguiria! Afinal, sou um ser humano muito tímido. Ao saber do convite, em minha mente já houve um bloqueio: -“isso não vai dar certo!”. Mas no decorrer do trabalho fui me empolgando com os preparativos, com a expectativa sobre como iríamos apresentar, com a caracterização que faríamos [...] Assim, realizamos vários ensaios, contei e recontei a história por diversas vezes e escrevi também até o último segundo. Então, quando foi lançada a proposta, o convite para contarmos a história na Vitória Down, de cara já pensei: - “aí, já é demais!” Foi difícil superar na sala, quanto mais na Vitória Down. [Diário de Campo, março de 2019 | DIONÍSIO, aluna-pesquisadora].

Essa experiência nos fez ir ao encontro do artigo “*Jogo e Formação de professores: videopsicodrama pedagógico*”, de Penteado (2011). Nele, entre outras questões, a autora afirma: “dentre as competências a serem construídas e desenvolvidas por um professor encontra-se a capacidade de desenvolver uma relação professor-alunos propícia ao processo de ensino-aprendizagem”(p.187). Com essa experiência, aprendemos sobre a nossa necessidade de aprender sobre nossas próprias potências para ensinar.

Durante a apresentação eu me vi envolvida em uma teia de amor e troca por parte de cada criança, cada familiar e cada colaborador. Após a apresentação na VD, eu me senti realizada e

com todas as minhas expectativas superadas. Foi um momento único e mágico de uma emoção que eu ainda não conhecia. Cada olhar curioso, cada sorriso tímido, cada gesto das crianças me trazia uma emoção diferente. Essa experiência trouxe ainda mais conhecimento, maturidade e sensibilidade para contar uma história. Além disso, tomei gosto pela contação e tenho praticado muito mais em casa com meus filhos – que sempre ficam com os olhinhos brilhando, radiantes na expectativa do desenvolver da história. Eu diria para as pessoas que viveram um momento de superação e realização que contribuíram, imensamente, para enriquecer minha jornada profissional e também minha rotina de mãe. [Diário de Campo, abril de 2019 | AMARAL, aluna-pesquisadora].

Ao apresentar na Vitória Down, senti borboletas no estômago! Mais uma sensação incrível e única. Foi envolvente ver o rosto de cada um ali, que estava embarcando em nossa contação. O sorriso e empolgação das crianças, pais e todos ouvintes... Nunca me imaginei contando história em uma oficina do brincar um projeto de valor imensurável. Eu não imaginava voar longe assim! A menina, que somente contava histórias para as suas bonecas quando brincava de ser professora, hoje viveu uma experiência de contação de histórias pela primeira vez para crianças com Trissomia do Cromossomo 21. Depois, da contação de história pude sentir uma leveza... Sensação de dever cumprido, com sucesso! Uma grande superação para mim que sou tão tímida e ansiosa além do limite. [Diário de Campo, abril de 2019 | DIONÍSIO, aluna-pesquisadora].

No livro *“Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil”* (2012), de Maria Aparecida Cória-Sabini e Regina Ferreira de Lucena, é descrito um conjunto de jogos e brincadeiras que deve ser utilizado de forma integrada, tanto em situações de recreação como em sala de aula.

Nossa intervenção, a partir da Contação da História “O Gato Xadrez”, foi recebida com alegria e entusiasmo pelas crianças e familiares que acompanhavam-nas naquela tarde de atividade. Um público infantil de faixa etária variada estava presente. Desde bebês de seis meses de idade a crianças com mais de 7 anos de idade. Cerca de 20 pessoas, além das contadoras de histórias e algumas outras alunas do oitavo Pedagogia estavam presentes. As crianças reagem e interagem, umas com as outras, com suas famílias e com o coletivo, de maneira geral. Ouviam, cantavam, batiam palmas, acompanhavam com o olhar, saíam espontaneamente de seus lugares para ir ao encontro das contadoras. A atividade na VD, com o público presente, contou com duas horas de duração.



Foto: Profª Drª Lilian Menenguci | Contação da História "O Gato Xadrez", pelas alunas-pesquisadoras, na Associação de Pais e Amigos de Síndrome de Down, no dia 27 de abril (sábado), de 2019.



Foto: Assiste Social da VD | Contação da História na Associação de Pais e Amigos de Síndrome de Down, no dia 27 de abril (sábado), de 2019.

OFICINA DO BRINCAR NA PERCEPÇÃO DE FAMILIARES E PROFISSIONAIS QUE PRATICAM A VD

Com o objetivo de conhecer a percepção de familiares e profissionais que praticam a Vitória Down, aplicamos dois questionários, constituídos de perguntas abertas, para essas participantes, sendo: um questionário que fora respondido por uma mãe de criança com T21, outro questionário que fora respondido pela psicóloga da Associação. Ambos, com perguntas diferentes.

R.M, de 42 anos, mãe que tem um filho de 8 anos de idade com T21 e que participa da VD, afirma que sempre que possível, “busca estar com o grupo, seja em oficinas, piqueniques ou demais eventos”. Para ela, desde que o projeto se iniciou ficou muito satisfeita com a oportunidade. “Fiquei muito empolgada em possibilitar não só a interação das crianças, via brincadeiras, mas também a nossa enquanto família que se fortalece a cada encontro”, afirmou a mãe.

Compreendemos, desse relato, que para o processo de formação das crianças pequenas, e principalmente daquelas que têm T21, se faz necessário oferecer, garantir e mesmo participar de uma rede de apoio, uma rede de colaboração. A partir dela, os familiares tanto quanto os profissionais que lidam com as crianças com Síndrome de Down têm a oportunidade de aprender e ensinar juntos sobre aprendizagem e desenvolvimento desses sujeitos.

Para R.M, a participação do seu filho, especialmente na Oficina do Brincar com a atividade de Contação de Histórias, realizada pelas alunas-pesquisadoras, foi um momento produtivo. Revelou a mãe de G:

Antes de ir ao encontro conversei com G. e fiz o convite. De cara ele topou, porque adora histórias! Ele interagiu com duas meninas, que não apresentam Síndrome de Down, buscando a todo momento minha intervenção, acredito que pelo fato de não conhecer as pessoas que ali estavam, mas logo logo foi ficando mais íntimo do espaço e conseguiu conversar com as mães de outras crianças que lá estavam. Temos essa preocupação, enquanto famílias, de acolher as famílias novatas, para que compreendam que não estão só nessa jornada!

O relato da mãe de G. é muito parecido com a percepção da psicóloga L, que atua na Vitória Down. Ela defende que o projeto “Oficina do Brincar” se constitui, também para as famílias, como espaço de fortalecimento e empoderamento tanto quanto de trocas e amizades.

As famílias fazem questão de estar presentes por acreditarem que essa rede entre as crianças e entre as famílias as fortalecem e as empoderam. É sempre transmitida às famílias a importância desses momentos, da troca de conhecimento entre os familiares, do fortalecimento da amizade entre as crianças e da importância da Associação como espaço de amparo, escuta e a certeza de que não estarão sozinhas em suas lutas cotidianas. [L. Psicóloga que atua na Vitória Down].

Nesse espaço de trocas, as famílias vão, entre outras coisas, aprender a lidar com as particularidades de suas filhas e seus filhos ao mesmo tempo em que as crianças lidam com as diferenças umas das outras.

Quando as contadoras de histórias se posicionaram para dar início ao evento, imediatamente G. solicitou ida ao banheiro. Quando voltamos, as demais crianças estavam sentadas em roda, batendo palmas e pandeiros. Ele se sentiu muito incomodado, e até chorou! Fui conversar com ele e ele foi compreendendo do que se tratava e o motivo das palmas e foi curtindo as histórias!

Esse depoimento da mãe de G. provoca a reflexão acerca do importante papel da mediação nos processos de ensino-aprendizagem. Isso, certamente, nos leva de volta à contribuição de Vygotsky. No livro “*A Formação Social da Mente: o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*” (1994), o autor afirma que “o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa por outra pessoa”. Por isso, o conceito de aprendizagem mediada confere um papel privilegiado, especialmente, ao adulto (professor, familiar e/ou cuidador).

A mãe de G, parece compreender, na prática, como isso se dá no processo de aprendizagem e desenvolvimento do seu filho:

A brincadeira é de extrema importância não só para o G, mas para todos! Todas as crianças e adultos deveriam brincar! A brincadeira para as crianças seria a possibilidade de experimentação do mundo. É via brincadeira que as crianças aprendem. Um ambiente brincante é um ambiente feliz! G. amou estar lá! Ficou contando as histórias para o pai e o irmão. Quer ir novamente!

O relato da mãe de G. nos leva a reafirmar a importância do espaço para a brincadeira no processo de formação da criança, ampliando, inclusive, os momentos para que o lúdico se faça presente, seja na relação das crianças entre si e mesmo no comportamento adulto. Logo,

[...] utilizar o jogo na educação infantil significa transportar para o campo do ensino-aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora. (KISHIMOTO, 2011, p. 41).

Para L, psicóloga que atua na Vitória Down há 4 anos, no espaço da Oficina do Brincar a ação de brincar é mais importante do que o brinquedo. Vejamos o que ela nos diz:

Neste espaço da Oficina do Brincar, o 'brincar' é muito mais importante do que o brinquedo. A criança quando brinca, a imaginação e a criatividade são despertadas, o lúdico é sempre um bom recurso para se aproximar de uma criança, tendo ela ou não a T21. Qualquer coisa pode se tornar um brinquedo nas mãos da criança, basta imaginar. É no brincar que as crianças se desenvolvem, elaboram suas questões, suas inseguranças, seus medos e incertezas. A partir da brincadeira, a criança terá que negociar com o parceiro de brincadeira, terá que respeitar as regras e as opiniões do outro e vai poder expressar suas vontades. [L. Psicóloga que atua na Vitória Down].

No momento histórico atual, onde a tecnologia, por meio do uso da Rede Mundial de Computadores, tem sido intensificada, é importante considerar que a brincadeira, enquanto fenômeno cultural, é um elemento potente de formação humana.

Vygotsky (1994,p.75), nos ajuda a refletir acerca dessas questões, quando afirma, que “a internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos”. Isso, como sabemos, se dá por meio das trocas que realizamos uns com os outros. A brincadeira, nisso, é território privilegiado.

As crianças com Síndrome de Down, geralmente, têm uma agenda permanente composta de inúmeras atividades que envolvem trabalhos com fonoaudiólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, entre outros profissionais da área da educação e da saúde. Dessa percepção, surge a proposta da Oficina do Brincar como um espaço lúdico capaz de potencializar o vínculo entre as crianças e seus familiares.

A ação Oficina do Brincar surgiu de uma percepção da equipe em relação à rotina das crianças com T21. Notamos que um grande número de crianças apresentavam uma 'agenda de executivo', ou seja, sempre repleta de terapias e compromissos mas poucas brincavam, e quando brincavam, era um brincar com muitos comandos dos adultos. Através dessa observação, desenvolvemos um espaço para que o brincar livre fosse incentivado como um momento precioso da infância, além de conscientizar as famílias sobre a importância desses momentos em que o vínculo familiar é constantemente investido, além do vínculo social e de inclusão, uma vez que a Oficina do Brincar não se destina somente às crianças com T21, todas as crianças interessadas são muito bem vindas. [L. Psicóloga que atua na Vitória Down].

Disso isso, fica evidenciada a preocupação da profissional em garantir espaços-tempos capazes de potencializar as características relacionadas à quaisquer crianças, no caso deste estudo, às crianças com T21. Logo, não se pode negar os processos de imaginação, de criatividade, de simbolização da criança pequena. Para isso, as brincadeiras, mais que os brinquedos, são importantes.

A psicóloga concluiu que segue aprendendo, a partir do contato com as crianças e suas famílias, participantes da Vitoria Down, sobre o seu papel de mediadora desse projeto.

Comecei como psicóloga voluntária e após 6 meses fui contratada. Hoje, após 04 anos atuando na Vitória Down, digo com certeza que o que aprendi e continuo aprendendo constantemente nesta Associação foi muito mais do que a graduação inteira me ensinou. As crianças, os jovens e adultos com a Trissomia do Cromossomo 21 (T21), me ensinam, cotidianamente, sobre tudo, inclusive a como ser psicóloga para exercer um trabalho de qualidade. [L. Psicóloga que atua na Vitória Down].

A formação de profissionais que lidam com processos educacionais e educativos, na escola ou fora dela, precisa ressaltar a dimensão cultural da vida das crianças

e dos adultos com os quais convivem, apontando para a possibilidade de aprenderem e ensinarem juntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O brincar é de suma importância na infância. Através das brincadeiras as crianças têm o poder de se transportar para onde quiserem trabalhando assim sua imaginação e criatividade. Além disso, é uma grande ferramenta para trabalhar a socialização das crianças.

Para as crianças com T21, as brincadeiras também só trazem benefícios uma vez que diversas delas, assim como a contação de histórias, permitem à criança desenvolver habilidades relacionadas ao aspecto cognitivo, explorando desenvolvimento do raciocínio, pensamento, memória, abstração, imaginação, linguagem, entre outras características importantes.

Durante a pesquisa tivemos o prazer de aprender ainda mais sobre a importância do brincar, o que para muitos é algo irrelevante e/ou até desnecessário. Mas nossa pesquisa mostra o quanto é importante e fundamental o brincar na vida das crianças de modo que uma criança que brinca tenha muito mais possibilidades de imaginação e mais facilidade de se relacionar com a outra – uma vez que a brincadeira permite à criança ser quem ela quiser.

Os desafios encontrados durante o estudo foram poucos, uma vez que, desde o primeiro momento, a Vitória Down nos recebeu de portas abertas e todos os colaboradores nos ajudaram de maneira significativa. O maior desafio, entretanto, foi contar a história do 'Gato Xadrez', isso, por se tratar de um público com o qual ainda não tínhamos tido a oportunidade de conhecer, de estar junto. Assim, vivemos uma mistura de sentimentos de ansiedade, medo e timidez. De todo modo, podemos atribuir à contação de histórias nosso maior desafio durante toda pesquisa. Vivida essa experiência, soubemos que ela foi a nossa maior conquista.

Encontramos, no decorrer da pesquisa, diversas possibilidades sobre o brincar. Compreendemos o quanto ele é rico, como é diverso e cultural. O documentário “Território do Brincar” mostra isso. Nele, crianças da zona urbana têm brincadeiras diferentes das crianças da zona rural e vice-versa.

As possibilidades de brincadeiras são infinitas e não dependem de brinquedos propriamente ditos. Durante a brincadeira de espadas, por exemplo, um pedaço de madeira pode se tornar a espada mais poderosa de todo o reino, e a boneca pode ser representada por uma espiga de milho verde com lindos cabelos.

Sugerimos que, a partir da escolha desse tema, se possa buscar tanto o aprofundamento do conhecimento a respeito dele, quanto a sua vivência na prática. Que se possa investir, ainda mais, nas possibilidades de brincar e ter contato com as crianças com T21. Isso, sem dúvidas, fez com que crescêssemos muito como pessoas e como profissionais.

Todo o processo do estudo, em si, trouxe uma experiência imensurável! Despertou-nos sentimentos desconhecidos e até mesmo adormecidos. Pesquisar o brincar, vale muito a pena! É uma experiência enriquecedora. Vai muito, muito além do que imaginamos. Durante cada etapa, cada passo, cada momento, descobrimos algo interessante e novo.

Antes da pesquisa, defendemos o brincar por saber que ele é importante para o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Tínhamos conhecimentos acerca disso, mas quando começamos a nos aprofundar nos estudos, lendo sobre o tema, assistindo documentários, conversando com pessoas de outras áreas e coletando nossos dados, passamos a entender que brincadeira é coisa séria! Brincar é um direito da criança!

REFERÊNCIAS

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida; LUCENA, Regina Ferreira de. **Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil**. São Paulo: Papyrus, 2012.

FÁVERO, M. H. A. **A pesquisa de intervenção na psicologia da educação matemática**. Educar em revista, Curitiba. Editora UFPR. n. Especial 1/2011, p. 47-62, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/er/nse1/04.pdf> > Acesso em: 28 jun. 2019.

FRIEDMANN, Adriana (et all). **O Direito de Brincar: a Brinquedoteca**. São Paulo: Scritta: Abring, 1996.

LEWGOY, Alzira M^a. B; SCAVONI, Maria Lucia. Supervisão em Serviço Social: a formação do olhar ampliado. In: Revista Texto & Contextos. EDIPUCRS. Porto Alegre: 2002.

PENTEADO. Jogo e Formação de professores: videopsicodrama pedagógico. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida(Org.) **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins, 1994.

WEIS, Luise. **Brinquedos & Engenhocas: atividades lúdicas com sucata**. São Paulo: Scipione, 1997.